

VILA CONVIVER: NOVO CONCEITO DE MORADIA PARA QUEM ESTÁ NA MELHOR IDADE

A **Vila ConViver** é um projeto elaborado a partir de estudos e pesquisas do GT (Grupo de Trabalho) Moradia/ADunicamp, criado a partir de demandas de professores sindicalizados aposentados. O coordenador do GT-Moradia, professor Bento da Costa Carvalho Junior (FEA), lembra que a diretoria da ADunicamp, eleita para o biênio 2012-2014, desde agosto de 2013 já vinha apoiando uma linha de ações voltada para os professores aposentados da entidade.

Bento lembra que nas diversas reu-

niões, realizadas em 2013, com o objetivo de identificar e atender as demandas e propostas dos professores aposentados, “a questão da moradia foi a mais recorrente”. Por isso, no início de 2014, foi criado o GT-Moradia, que por mais de dois anos se aprofundou no estudo de *cohousing sênior*, um tipo de comunidade residencial intencional para pessoas com mais de 50 anos, que está na base da criação da proposta da Vila ConViver. Em abril de 2016, a ADunicamp divulgou a todos os seus associados, por meio de Boletins e

emails, cinco palestras do GT-Moradia sobre a proposta de implantação da *cohousing sênior* Vila ConViver.

Com o trabalho dedicado dos integrantes da futura Vila ConViver e a continuidade do apoio da Diretoria da ADunicamp eleita nas eleições de 2016, a proposta de *cohousing sênior* teve condições de ser aprofundada e avançar com a participação, agora, de quase duas centenas de pessoas, culminando com a fundação da Associação que, a partir de agora, passa a ter uma identidade legal.

Participantes da Assembleia de Fundação da Associação de Moradores da Cohousing Sênior Vila ConViver, formada com base nos conceitos de moradia para a terceira idade pesquisados pelo GT-Moradia/ ADunicamp



DO GTMORADIA À **COHOUSING** **SÊNIOR**

O GT-Moradia se dedicou integralmente ao estudo do conceito de *cohousing* (*collaborative housing*) e *cohousing sênior*, que daria origem ao projeto da Vila ConViver. O conceito de *cohousing* é, até hoje, pouquíssimo conhecido no Brasil e ainda não se tem notícia de nenhum empreendimento de moradia para idosos onde ele tenha sido aplicado.

Antes da formação do GT-Moradia, um grupo de associados aposentados da ADunicamp se ocupou em visitar, conhecer e estudar os modelos convencionais de habitação para idosos, entre eles algumas das mais conceituadas instituições de acolhimento e atendimento de idosos

da região e do país. Mas nada do que viram correspondia às expectativas desses professores. “Todos os condomínios voltados para moradores da terceira idade que conhecemos nessa época não satisfaziam as principais preocupações dos nossos associados”, lembra Bento. Foi a partir dessas constatações que os integrantes do GT-Moradia passaram a estudar modelos de moradia existentes em outros países, com foco nas “comunidades intencionais”, especialmente as construídas para abrigar idosos.

Embora as primeiras experiências que deram origem ao conceito de *cohousing* multigeracional já tenham mais de quatro décadas, apenas nas últimas duas décadas elas começaram a se multiplicar e ser alvo de estudos, em países da Eu-

ropa mediterrânea, nos Estados Unidos e no Canadá. Mais recentemente, *cohousing* chegou à Austrália, Nova Zelândia, Coreia e Japão.

As *cohousing* multigeracionais, com o correr do tempo, passaram a abrigar moradores de diferentes faixas etárias, perfis sociais, culturais e econômicos. Mas o foco do GTMoradia sempre foi as chamadas *cohousing sênior*, voltadas para moradores da terceira idade.

“As *cohousing sênior* existentes hoje em diversos países abrigam moradores de diferentes faixas sociais e econômicas. Muitas delas têm sido acompanhadas e estudadas por especialistas em gerontologia, antropologia, sociologia, psicologia e arquitetura. Vários estudos mostram que esse modelo de mora-

dia contribui, de forma decisiva, para uma vida mais longa, com uma melhor saúde física e mental e, portanto, uma melhor qualidade de vida dos idosos, reduzindo ou eliminando doenças comuns na velhice, aí incluídos a depressão, a demência senil e o Alzheimer”, aponta Bento.

UMA SOLUÇÃO PARA **GRANDES** **PROBLEMAS**

As chamadas “comunidades intencionais” têm uma longa história em diversos países – desde os kibutzim em Israel, até as comunidades originadas do movimento hippie na década de 1960, mas só se consolidaram como modelo e ganharam força junto a setores mais amplos da sociedade a partir do desenvolvimento do conceito de *cohousing*, que surgiu na Dinamarca, há pouco mais de 40 anos.

Uma das primeiras experiências de *cohousing* na Dinamarca revela a abrangência e as profundas implicações desse modelo no caso de casais em que marido e mulher trabalhavam, muitas vezes, em turnos. “Aí eles precisavam de uma alternativa de moradia que também resolvesse de maneira cooperativa questões que preocupam os pais com crianças, como o apoio de seus vizinhos na supervisão



Membros do GT-Moradia presentes na Assembleia de Fundação da Vila ConViver. Da esquerda para a direita: Bento da Costa Carvalho Júnior, Neusa da Costa Carvalho, Vera Lúcia Moraes, Rui Errerias Maciel, Rosa Maria Nery e Ana Maria Toresan

dos filhos enquanto estivessem trabalhando, a questão da alimentação, os espaços comuns para estudo, socialização e recreação etc. Então, esses pais descobriram que poderiam montar uma comunidade residencial projetada por eles mesmos, onde cada um teria sua residência, mas também espaços comuns, como refeitório, áreas de lazer e lavanderia”, relata Bento.

Socialmente, *cohousing* tem sido frequentemente organizada com o objetivo de criar um senso de comunidade (envolvendo a tomada de decisões democráticas) e a igualdade de gênero, diminuindo o peso do trabalho doméstico.

Os primeiros moradores de *cohousing* multigeracional confirmaram rapidamente suas expectativas de que essa opção de moradia reduzia de modo significativo a carga das tarefas do dia-a-dia, desde a questão de fazer compras frequentes de alimentos, cozinhar diariamente além do cuidado com os filhos.

A experiência bem sucedida de *cohousing* multigeracional acabou induzindo a criação de *cohousing* só para idosos – *cohousing sênior*.

As *cohousing* dinamarquesas se multiplicaram rapidamente ao longo dos anos porque passaram a receber incentivo direto do Estado, depois que as



1ª Série de Encontros “Envelhecer com Qualidade de Vida” - representante de grupo apresentando as observações de tópico discutido com seus colegas. Anfiteatro da Faculdade de Medicina da Unicamp -2016.

primeiras experiências começaram a ser estudadas e revelaram inúmeros benefícios do modelo. No caso das *cohousing sênior*, as instituições públicas de saúde constataram que os moradores precisavam menos de cuidados médicos e de medicamentos. Essas pessoas viviam em média 8 anos a mais que a média da população, com mais qualidade de vida e davam muito menos despesas para os sistemas de saúde do que aquelas que moravam sozinhas.

A partir da Dinamarca, a experiência logo conquistou outros países nórdicos. Começando pela Holanda, o modelo de *cohousing sênior* ganhou outros países da Europa e chegou depois de 2005 aos Estados Unidos, país que, em 2017, tinha 13 comunidades *sênior* implantadas, 2 em construção e 13 em formação. Atualmente, cerca de 50.000 pessoas vivem

em *cohousing* na Dinamarca, onde esse tipo de moradia cresceu 20% nos últimos 6 anos. Em 2015, havia nesse país mais de 250 comunidades *cohousing sênior*.

Max Pedersen, antropólogo dinamarquês, conduziu uma grande pesquisa em comunidades *cohousing sênior* na Dinamarca, constatando que 98% dos moradores sentem-se seguros em sua comunidade, 95% satisfeitos com essa opção de moradia e 70% declararam que têm pelo menos 4 amigos entre seus vizinhos, o número de amigos necessário e suficiente para lhes garantir apoio sempre que precisarem.

MODELO PARA O MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO

Atualmente, em diversos países, em especial na Europa, programas e

projetos governamentais de moradia social apontam que *cohousing* é um modelo que “não pode mais ser ignorado”. E isso se aplica em especial no caso das *cohousing sênior* por causa da profunda mudança do perfil das populações dos países desenvolvidos a partir da década de 70.

Nos países em desenvolvimento, as populações estão envelhecendo rapidamente, e de forma especial no Brasil, onde se espera que as pessoas passem a viver muito mais e de maneira mais ativa. Com o aumento da mobilidade populacional, já é cada vez maior o número de idosos ou de casais de idosos que vivem longe dos filhos. Ao contrário do que ocorria em décadas passadas, estatísticas atuais apontam que, em vários países, 70% das mulheres com idade mais avançada já vivem sozinhas, porque ficaram

viúvas, ou porque se separaram ou por não terem se casado.

Essa mudança no perfil populacional demanda novas formas de organização da economia e da convivência, incluindo aí os modelos de moradia, especialmente para os mais velhos. De acordo com modernos estudos de gerontologia, três grandes problemas da população idosa estão diretamente ligados ao modelo de moradia: a solidão, o sentimento de desamparo e o tédio. *Cohousing* é, comprovadamente, uma grande solução para esses problemas.

GTMORADIA TEM AMPLA DIMENSÃO

Diante de todos esses fatos, o trabalho desenvolvido pelo GT-Moradia ganha uma dimensão que vai além da recém formalizada Vila ConViver.

Como explica Bento, acabamos nos envolvendo numa perspectiva mais ampla, que engloba não só moradia, mas também as diversas questões ligadas ao envelhecimen-

to e ao urbanismo, entre outras”.

Hoje, a ADunicamp tem sido procurada por instituições e estudiosos ligados à questão de moradia e de moradia para idosos. “Nossos estudos e a metodologia de preparação e formação do grupo que deu origem à Vila ConViver estão disponíveis para novos grupos da própria Unicamp, ou de fora, que queiram criar novas comunidades *cohousing*, tanto para terceira idade como multigeracionais, aí incluídas as com públicos específicos ou com necessidades especiais”, relata Bento.

O trabalho em grupo dos integrantes da Vila ConViver permitiu, também, a criação de um conjunto de normas jurídicas – o Estatuto da Associação de Moradores da Vila ConViver - que atendesse as especificidades de sua *cohousing sênior*. Por exemplo, a unidade habitacional não pode ser transmitida para outra pessoa que não tenha o perfil desejado pela comunidade de moradores. Além disso, numa *cohousing sênior* as idades mínima e máxima para os eventuais novos moradores também são definidas

pelo grupo.

Apesar dessas especificidades, a Vila ConViver já tem uma fila de espera de interessados em se juntar ao projeto confirmando levantamentos feitos pelo GT-Moradia/ADunicamp que mostram que na maior parte das *cohousing* pesquisadas na Europa e Estados Unidos existem filas de espera de moradores interessados.

Como as normas de convívio e de utilização das áreas comuns de uma *cohousing* são totalmente diferentes das estabelecidas em condomínios convencionais, a exemplo das comunidades internacionais, a Vila ConViver terá uma Comissão encarregada de transmitir a todo novo morador todas as informações adquiridas pelos moradores que passaram pelas diversas etapas de formação da comunidade.

“Como aqui no Brasil ainda não existe nada semelhante, a Vila ConViver buscou soluções particulares, e teve o privilégio de poder contar com assessoria jurídica competente na elaboração do seu Estatuto”, diz Bento.

2ª Série de Encontros “Envelhecer com Qualidade de Vida” – Informações aos participantes do último encontro da série – Auditório da ADunicamp -2017



UMA RESPOSTA DO SÉCULO XXI À MUDANÇA NA VIDA DO IDOSO

Pesquisas recentes apontam que os idosos modernos, de diferentes países, têm pelo menos quatro pontos comuns no que se refere à questão da moradia:

- *Querem continuar morando em suas casas até o final da vida.*
- *Não querem se mudar para a casa dos filhos.*
- *Não querem ser colocados em instituições para idosos.*
- *Querem manter sua autonomia e independência.*

Análises mais detalhadas feitas pelo GT-Moradia mostram, sobre o primeiro ponto, que idosos querem continuar morando em suas casas até o final da vida, mas essa não é necessariamente a casa onde moram hoje, pois continuar morando nessa casa pode ser uma péssima opção. À medida que as pessoas envelhecem, a casa

antiga fica grande demais, perigosa e cada vez mais dispendiosa. Afinal, as casas onde a maioria dos idosos mora hoje foram construídas para outra época, a da criação e convivência com os filhos. Relatório recente de grupo de pesquisas dos Estados Unidos aponta que 99% das residências hoje existentes naquele país não são adequadas para moradores da terceira idade. E as opções de moradia no Brasil, baseadas nos condomínios residenciais tradicionais, seguem o modelo norte-americano que valoriza principalmente a privacidade. Estudos gerontológicos mostram que esse modelo amplia o problema do isolamento social que se inicia após a aposentadoria e se agrava de maneira exponencial na velhice.

AMAURI LOPES

Professor aposentado da FEEC – Sindicalizado à ADunicamp

“O que me motivou a ir para o projeto da Vila ConViver, em todos os aspectos, foi a possibilidade de uma convivência ampla com as pessoas. Obviamente, há muitas questões envolvidas em todo o projeto: o local, a arquitetura, as áreas de convivência, a rotina e assim por diante. Mas, para mim, todas essas são questões secundárias. O ideal é a convivência com as pessoas quando atingirmos a idade mais avançada”.

DIONE LUCCHESI DE CARVALHO

Professora aposentada da FE – Sindicalizado à ADunicamp

“O que me motivou a integrar o projeto Vila ConViver, desde que fui convidada a participar das reuniões, foi o fato de que vi ali uma proposta de vida diferenciada. Não era fazer um condomínio, mas alterar as relações entre as pessoas. E isso me deu ânimo de vida, porque estamos em um momento em que essas coisas não são valorizadas no país. A proposta não é reunir um bando de velhinhos num condomínio de terceira idade, mas construir uma comunidade com novas propostas de convivência e vida. De certa forma, é um movimento que vai na contracorrente, mas isso é bom. Afinal as correntes hoje não estão nada boas!”.

2ª Série de Encontros
“Envelhecer com
Qualidade de Vida” –
apresentação de tópico
a ser discutido pelos
participantes - Prédio da
pós-graduação da
FEEC -2017



UMA PROPOSTA DE VIDA INDEPENDENTE E SOLIDÁRIA

O conceito de *cohousing* estabelece, desde o início, a participação dos moradores na idealização de todo o projeto, em todos os passos da sua construção e gestão e na elaboração dos acordos de convivência. Trata-se, portanto, de uma proposta totalmente diferente dos condomínios tradicionais e, no caso das *cohousing* *sênior*, sem nenhuma relação com os chamados “lares de idosos”, onde os moradores é que devem se adequar às normas estabelecidas. Assim, na direção contrária de praticamente

todos os condomínios residenciais que existem hoje, o morador da *cohousing* participa ativamente de todas as etapas do projeto, desde a elaboração do projeto arquitetônico, à construção e sua administração posterior, incluindo tudo o que se refere ao dia a dia: desde quantos jantares coletivos serão feitos por semana, até quantos eventos sociais serão promovidos. As residências e todos os espaços e edificações comuns são construídos de forma a atender às necessidades e anseios

da totalidade dos que vão viver ali. As casas são projetadas e dispostas no terreno de maneira a favorecer a interação social entre os moradores. A *cohousing* *sênior* moderna deve ser desenvolvida a partir de um amplo projeto de engenharia social que se baseia na antropologia, na sociologia, na gerontologia e na arquitetura social, com o objetivo de atender pelo menos cinco pontos essenciais da vida e das necessidades dos idosos:

- Interação social.
- Participação.
- Solidariedade e apoio mútuo.
- Cidadania ativa.
- Sustentabilidade e respeito ao meio ambiente.

AMPLO TRABALHO PRECEDE O PROJETO

Dadas as características acima, a construção de uma *cohousing* é necessariamente precedida por um demorado e rigoroso trabalho com o grupo de futuros moradores. De acordo com os modelos bem sucedidos

e estudados pelo GT-Moradia, todas as deliberações acerca de cada detalhe – desde o local, tamanho das casas, estrutura dos espaços coletivos e até a programação de eventos – devem ser resultado de consenso da totalidade do grupo, e nunca apenas de uma maioria. Esse trabalho inicial, aparentemente demorado e complexo, é considerado essencial para o sucesso e longevidade das *cohousing*. É ao longo desse trabalho que o grupo se identifica, encontra os pontos comuns e, quando é o caso, se dissolve ou se separa formando diferentes grupos com diferentes propostas. No caso da Vila ConViver, todas essas etapas foram rigorosamente cumpridas, com uma série de encontros, reuniões e estudos em comum que permitiram a consolidação do grupo, que a partir de agora assume o projeto de edificação da comunidade – desde a compra do terreno até a elaboração do projeto arquitetônico e a implantação de todo o empreendimento.



O presidente da ADunicamp, Paulo Cesar Centoducatte, recebe o agradecimento do recém eleito presidente da Vila ConViver, José Tomaz Vieira Pereira, e do vice-presidente Bento Carvalho Junior (ao fundo), durante a assembleia de fundação da vila. O apoio da ADunicamp foi fundamental para a idealização e construção, desde o início, da proposta da Vila ConViver

IDADE MÉDIA É 64,9 ANOS NA VILA CONVIVER

No caso da Vila ConViver, o projeto da *cohousing sênior* foi inicialmente apresentado em abril/maio de 2016 em 5 palestras para 210 professores e professoras associados à ADunicamp, alguns acompanhados por seus cônjuges. A maioria dos participantes se enquadrava no perfil de aposentados ou em vias de se aposentar. Os 210 associados foram convidados a participar da série de seis encontros “Envelhecer com Qualidade de Vida”, ao final da qual 71 participantes registraram interesse em continuar participando do processo de criação da primeira *cohousing sênior* apoiada pela ADunicamp, enquanto muitos outros se posicionaram interessados em participar de eventuais projetos futuros. Em dezembro de 2016, os membros da Vila ConViver

decidiram por convidar amigos e parentes com o adequado perfil para se integrarem ao projeto. Nesta etapa, após as palestras de divulgação sobre o projeto, 128 pessoas registraram interesse em continuar participando da implantação da Vila ConViver. Participaram, também, de atividades do segundo ciclo de Encontros, realizado entre fevereiro e abril de 2017. Desta vez, 62 integrantes registraram interesse em continuar participando do processo de criação da Vila

ConViver. Ao final dessas etapas, os esforços foram concentrados na elaboração do Estatuto da Associação. A partir de fevereiro de 2017, o trabalho de construção do Estatuto converteu-se no foco principal até a aprovação do mesmo na Assembleia de Fundação da Associação de 3 de dezembro. Na Assembleia de Fundação, assinaram a Ata de Fundação da Vila ConViver 34 integrantes do primeiro grupo – composto por associados da

Adunicamp e seus cônjuges – e 32 integrantes do segundo grupo, aí incluídos os cônjuges – em sua vasta maioria ex-professores, ex-alunos de graduação e pós e ex-funcionários da Unicamp. A Vila ConViver tem hoje entre seus membros 22 homens e 44 mulheres com idades de 47 a 80 anos – idade média de 64,9 anos. Estão previstas 42 casas com aproximadamente 100 metros quadrados de área construída e quatro com aproximadamente 50m².



3ª Série de Encontros “Envelhecer com Qualidade de Vida” – Discussão em grupo – Sala Multiusos da ADunicamp - 2017

TUDO FAZ A DIFERENÇA NA VIDA DA COHOUSING

As casas na *cohousing* são ambientes privados, concebidas para serem compactas, mas com toda uma concepção voltada para atender ao perfil dos moradores e para incentivar a integração com o ambiente social. Toda comunidade *cohousing* tem necessariamente, uma série de áreas comuns, cujo objetivo é incentivar a interação e o apoio entre seus moradores.

Alguns pontos fundamentais no conceito *cohousing* são os seguintes:

- As residências privadas são construídas de modo a garantir toda a privacidade. Elas são compactas, mas com dependências amplas. Normalmente têm entre 60 e 120m², com um ou dois quartos.
- Os moradores participam de todo o processo: como vão ser as residências, o quanto elas têm de área, como vão estar dispostas no terreno. A forma, o número de quartos e até o tamanho das janelas, tudo é decidido em comum.
- Como as casas são compactas, geralmente são projetadas de forma a dar uma sensação de amplitude, com o layout aberto, sem muitas paredes divisórias; e valorizando varandas com amplas janelas e portas de vidro que se abrem para os jardins, gramados e espaços comuns.
- O projeto deliberado de

vizinhança propõe a criação intencional de uma vizinhança solidária, com objetivos comuns. Por isso, as áreas externas, comuns e de convivência são amplamente valorizadas, com espaços onde as pessoas podem se encontrar, conversar.

ÁREAS COMUNS SÃO A EXTENSÃO DAS CASAS

- Na *cohousing*, as dependências comuns são verdadeiras extensões das residências individuais.
- Toda *cohousing* tem uma casa de propriedade de toda a comunidade, conhecida como Casa Comum, com ambientes amplos, cozinha, refeitório, salões.
- As cozinhas podem atender, diariamente, a toda a comunidade. Em diversas *cohousing*, nos Estados Unidos e Europa, duas ou três pessoas cozinham duas a três vezes por semana para toda a comunidade, quase sempre em sistema de revezamento. Por isso, as cozinhas na maioria das vezes têm equipamentos comerciais de alto padrão (lava-louça, fogão etc.).
- As lavanderias comuns também podem atender a toda a comunidade, com equipamentos de alto desempenho, iguais aos das lavanderias comerciais.

- Os refeitórios são espaços comuns que também podem ser utilizados para reuniões, encontros e palestras.
- Muitas *cohousing* mantêm uma grande sala de atividades, onde os integrantes podem fazer exercícios físicos, tai-chi e meditação e outra menor para oficinas de pintura, porcelana e outras atividades manuais.
- Algumas têm também sala de leituras, hobbies, jogos.
- Outra grande alternativa encontrada por algumas *cohousing* foi a acomodação para visitantes. Como muitos moradores tinham aquela questão do filho que vem passar apenas uns dias durante o ano, ou de amigos ou parentes que visitam eventualmente, foi decidida a construção de apartamentos para hóspedes na Casa Comum. Assim, os moradores não precisavam manter um quarto a mais em suas residências, apenas para receber visitantes eventuais. Hoje, muitas *cohousing* *sênior* mantêm mais de um quarto para visitantes e esses quartos são utilizados, quando não ocupados por familiares, para receber profissionais em fase de especialização em disciplinas como fisioterapia e educação física para terceira idade. E o aluguel é pago com algum tipo de prestação de serviços para a comunidade.

EUGÊNIO JOSÉ ZOQUI - Professor da FEM – Sindicalizado à ADunicamp

“Para mim, tudo isso que envolve a Vila ConViver e o conceito de *cohousing* é uma grande oportunidade de vida em comum. Uma vida em comunidade com bastante independência, que certamente oferece qualidade de vida nesta fase difícil que é a terceira idade”.

NOVAS GERAÇÕES DE IDOSOS: SAÚDE DA VIDA EM COHOUSING

Duas professoras da Unicamp, referências na área de estudos sociais e da gerontologia contemporânea, afirmam que o conceito de *cohousing* é uma das opções de moradia para idosos que mais oferece benefícios no campo do relacionamento e da saúde psicológica e física. A professora Anita Liberalesso Neri, da Faculdade de Educação da Unicamp, uma das referências brasileiras em pesquisas no campo da Psicologia do Envelhecimento e da Gerontologia afirma que *cohousing* se apresenta hoje, em vários países, como uma das grandes alternativas de moradia para as novas gerações de idosos que estão se formando. “Neste momento, no Brasil, elas ainda são dirigidas a um público diferenciado e é indispensável que os interessados conheçam bem as vantagens e as implicações do conceito de *cohousing* para um envelhecimento saudável”. Ela diz que vê com “grande entusiasmo” o projeto da Vila ConViver. Já a professora Guita Grin Debert, do Departamento de Antropologia do IFCH, nossa maior especialista no estudo do

Curso de Vida, diz que é uma entusiasta dos novos modelos de moradia para a terceira idade que têm sido experimentados em vários países, e com um destaque especial para o conceito de *cohousing*. Guita é autora de um dos livros de referência nos estudos da moderna gerontologia, “A Reinvenção da Velhice” (Fapesp e Edusp, 1999), no qual dedica um capítulo especial à questão das novas formas de moradia de idosos – incluindo dados de países europeus, entre eles a Dinamarca, onde o conceito de *cohousing* surgiu. Guita foi uma das primeiras incentivadoras dos trabalhos do GTMoradia/ADunicamp e apoiadora do projeto de *cohousing* da Vila ConViver.

Leia o depoimento completo das professoras:

Anita L. Neri

<http://longevidadeadunicamp.org.br/?p=1934>

Guita G. Debert

<http://longevidadeadunicamp.org.br/?p=1943>

HELENICE BOSCO DE OLIVEIRA

Professora aposentada da FCM – Sindicalizada à ADunicamp

“Nos últimos anos, eu já tinha a preocupação de não ficar sozinha na velhice. Eu moro sozinha e gosto de ficar sozinha. Mas e o futuro? Na verdade, às vezes fico enjoada da minha comida, de fazer comida só para mim. E já começo a sentir uma certa dificuldade visual, como para dirigir à noite. E também eventuais crises de coluna. Participo de um grupo de Tai-chi-chuan, e volta e meia falávamos sobre isso. Então, quando por informação de colegas, eu vim a conhecer o projeto da Vila ConViver e participei das primeiras reuniões, falei: pronto, estou no lugar certo! Porque não estávamos mais falando de uma alternativa para a velhice com três ou quatro colegas, mas com uma turma muito mais ampla”.

SILVIA MARIA SANTIAGO

Professora da FCM – Sindicalizada à ADunicamp

“A vida em comunidade, além de ser mais saudável, melhora em todos os aspectos a qualidade de vida das pessoas. Quem vive em comunidade tem uma vida mais longa e sem grande parte dos problemas e doenças comuns na velhice. E, no projeto da Vila ConViver, temos também a proposta de pensar alternativas inovadoras no Brasil de moradia para idosos. Um modelo que possa ser utilizado para todos os perfis da população, inclusive os idosos mais carentes”.

ELIANA RIBEIRO DA SILVA - Pesquisadora na ativa do Cecon/IE

“O que me levou ao projeto foi a tentativa de preparar, para mim e também para minha filha, as melhores companhias com quem envelhecer. E nas melhores condições de espaço, apoio mútuo e camaradagem. E minhas expectativas com a Vila ConViver são comuns a todo o grupo: fazer novos amigos, novas amigas e com eles viver bons momentos, e também compartilhar as mudanças e dificuldades que o envelhecimento traz”.

Assinatura de lista de presença e checagem de documentos antes do início da Assembleia de Fundação – Pátio da ADunicamp - 3 de dezembro 2017



NOVO OLHAR SOBRE FORMAS DE HABITAR A CIDADE

Para o arquiteto e urbanista Evandro Ziggiatti Monteiro, coordenador do curso de graduação em arquitetura e urbanismo da FEC/Unicamp, a proposta da Vila ConViver abre espaço para importantes reflexões sobre os padrões de moradia e convivência que estão estabelecidos hoje nos centros urbanos. Ele avalia que os atuais padrões de moradia – que “transformaram as residências

em mercadorias” – deixam de lado importantes necessidades humanas e dão uma orientação, muitas vezes equivocada, ao modelo de convivência nas cidades. “Na ideia do GT-Moradia/Adunicamp o interessante é que isso tudo tem sido repensado, discutido. Então volta o debate: o que eu preciso de espaço para viver quando for velho? Aquela casa que eu comprei num padrão e que o arquiteto

criou também num padrão será que é o que ainda me serve? Que tipo de padrão é esse? Que tipo de padrão e que lugar da cidade me interessa?”, aponta ele. Evandro tem atuado como consultor do GT-Moradia para assuntos de arquitetura.

Leia a íntegra da entrevista:

<http://longevidadeadunicamp.org.br/?p=1959>

DENISE BERTOLI BRAGA - Professora aposentada, sindicalizada à ADunicamp

“Eu soube da proposta da Vila ConViver por intermédio de colegas e fui já aos primeiros encontros, mas acabei me integrando efetivamente na segunda turma. A proposta, desde o início, me encantou: dado o ritmo e o individualismo da sociedade atual perdemos a noção de vida em comunidade. Isso afeta a todos, mas é particularmente mais sério para pessoas de idosas que, por diferentes razões, acabam ficando isoladas. Minha expectativa é poder viver em um contexto social mais acolhedor que tenha compromisso com o bem estar individual e coletivo e estar com pessoas que compartilhem princípios mais humanistas para ações coletivas dentro e fora da VilaConviver”.

ALTERNATIVA MAIS ECONÔMICA, DIVERTIDA, ESTIMULANTE E SAUDÁVEL

Charles Durrett, o arquiteto americano que mais estudou as comunidades *cohousing* na Dinamarca, autor de mais de 60 projetos de comunidades multigeracionais e *sênior* nos Estados Unidos e Canadá – e também autor dos livros *The Senior Cohousing Handbook* e *Happily Ever Aftering in Cohousing*, traduzidos para o português por integrantes do GT-Moradia – afirma que “*cohousing sênior* é a alternativa mais prática, mais fácil, sem dúvidas mais econômica, mais divertida, mais estimulante e mais saudável para a segunda etapa da vida”. Segundo Durrett, “*cohousing sênior* é, sem dúvidas, a melhor solução já criada para viver a segunda fase da vida e a que elimina as alternativas antigas de envelhecimento, onde as pessoas acabam solitárias e dependentes definhando isoladas em suas próprias casas ou na casa de filhos e parentes, em casas de repouso ou instituições de cuidado ao idoso”.

WOLFGANG EIKMEIER

Ex-professor de cálculo numérico no Campus de Limeira

“Eu tomei conhecimento do projeto por intermédio de um casal que já estava participando. E foi curioso: encontrei o casal na academia que frequentamos e, no dia em que me falaram da Vila ConViver, eu estava exatamente para comprar um apartamento. Então eu fui na primeira reunião, em outubro de 2016. Achei a proposta tão interessante que desisti do apartamento. Hoje, em condomínios horizontais e verticais, as pessoas vivem uma vida toda sem sequer conhecer os vizinhos. Nessa nossa proposta, você não só convive com os amigos e amigas, mas cria novos amigos e amigas. Então tem três pontos que eu destaco. O primeiro é a convivência, a possibilidade de conviver e receber apoio participativo de uma comunidade; o segundo é o próprio custo: como nós mesmos vamos fazer a parte da incorporadora, teremos custos significativamente mais baixos. Por fim, teremos um foco grande na construção de um modelo sustentável, com reaproveitamento, conservação de energia etc”.



Casal de futuros moradores assinando a Ata da Assembleia de Fundação da Associação de Moradores da Cohousing Sênior Vila ConViver – palco do Auditório da ADunicamp – 3 de dezembro de 2017

JOSÉ TOMAZ VIEIRA PEREIRA - Associado da ADunicamp, professor aposentado da FEM e presidente da Associação dos Moradores da Cohousing Sênior Vila ConViver

“Desde 1997 eu participo de um grupo de trabalho que procura entender o ser humano na sua diversidade interior. A gente percebe, em nossos trabalhos naquele grupo, que a grande barreira que existe entre seres humanos é entender a si e aos outros profundamente e respeitar a opinião e as posições do outro. Quando conheci a proposta da Vila ConViver percebi de imediato que ela estava dentro daquilo que estudávamos. Vi no projeto de cohousing algo ainda mais concreto: juntar pessoas para agir de pleno acordo, em conjunto, com um objetivo definido. Hoje vejo a cohousing como um projeto que precisa ser amplamente divulgado, para que se formem cada vez mais novos grupos, para que outras pessoas também possam construir aquilo que estamos construindo aqui”.

MARIA BERNADETE DE BARROS PIAZZON

Funcionária aposentada da Unicamp –RH/FCM

“Eu estava no meu processo de aposentadoria, há dois anos, quando dois professores de diferentes áreas – um sem saber da outro – vieram me falar sobre cohousing e sobre a Vila ConViver. Hoje estou certa de que serei eternamente grata a eles. Então, eu cheguei no grupo em 2017, fiz toda a formação necessária e passei a participar do grupo de apoio. Assim que conheci, me encantei com a ideia e com o projeto. E por duas razões fortes, além de várias outras, é claro. Primeiro, pela questão pessoal: pensei no futuro; gosto de atividades físicas, caminhada e vejo em nossa proposta um caminho para não ter solidão na velhice, com a vida em comunidade. A segunda expectativa é poder contribuir com a sociedade, poder transformar essa nova forma de viver em política pública. O Brasil gosta de colocar o velho num canto, tratar a velhice com descuido. Vejo que a ADunicamp, apoiando o projeto e discutindo essas questões, pode ajudar muito para que a velhice tenha um futuro diferente no Brasil”.

SONIA BENEDITA NOGUEIRA

Psicóloga, integrante do grupo cohousing Campinas, irmã de professor da Unicamp

“Sempre me interessei pela vida em comunidade. Há alguns anos fiquei viúva. Como estava só, o interesse pela vida em comunidade cresceu. Foi então que conheci uma arquiteta, em São Paulo, que estava trabalhando o conceito de cohousing com um grupo que chegou a ter 30 pessoas. E, neste meio de tempo, conheci o professor Bento Carvalho, que começava a trabalhar o projeto que se consolidou e resultou na Vila ConViver. A vida em comunidade propõe um resgate de condições mais humanas e o conceito de cohousing fortalece ainda mais essa perspectiva, pois é uma construção participativa, consensual, sem hierarquias nas decisões. A construção da comunidade exige também transformações pessoais. Ter um outro olhar para o outro e para as ideias e posições do outro. Creio que estamos construindo uma coisa nova, nestes tempos tão difíceis”.



Vila ConViver ultrapassa limites da Unicamp. Bernadete – entrevista ao Programa Panorama da TV Cultura – São Paulo, 23 out. 2017 / Sérgio Santos Mühlen – palestra no 1º Fórum de Moradia para a Longevidade - São Paulo, 9 nov. 2017 / Bento - entrevista para série sobre Longevidade do jornal da EPTV, Campinas, 29 dez. 2017. Fora essas participações, a Bernadete deu entrevista ao Portal UOL sobre a Vila ConViver e matérias relacionadas à criação da Vila foram publicadas no Jornal O Estado de São Paulo e em vários sites e blogs que tratam da questão do envelhecimento.